UFSM

Cadernos de Comunicação

ISSN 2316-882X
ACESSO ABERTO

Cadernos de Comunicação, Santa Maria, v. 30, e92339, 2026 https://doi.org/10.5902/2316882X92339
Submissão: 05/06/2025 • Aprovação: 01/02/2026 • Publicação: 23/09/2026

Artigos

Waldos Brasileiros: espetacularização política e a construção de avatares na era digital

Waldos Brasileños: espectacularización política y la construcción de avatares en la era digital

Brazilian Waldos: political spectacularization and the construction of avatars in the digital age

Adeilson Toledo Torres[I], **Carolina Frazon Terra**[I], **José Agnaldo Montesso Júnior**[I]

[I]Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

RESUMO

Este artigo analisa atores políticos brasileiros denominados "Waldos Brasileiros", conceito inspirado em Black Mirror, que utilizam ridicularização e espetacularização substituindo debate programático por performance midiática. Emprega-se uma abordagem ensaística usando o episódio como marco teórico para examinar casos como Tiririca, Marçal, Bolsonaro e Janones, fundamentado em Debord, Schopenhauer e Pariser. Resultados mostram que a transição TV-digital transformou a representação política através de três estratégias: ad hominem, humor como escudo e polarização. Com 51,6% dos brasileiros informando-se por mídias sociais e 92,6% expostos a fake news em 2018, figuras que dominam linguagens virais conquistam vantagens eleitorais. Embora sem caso idêntico ao episódio, elementos manifestam-se nacionalmente com política incorporando características espetaculares. O estudo alerta para erosão democrática, fragmentação por filtros-bolha e pressão psicológica sobre personas polarizadoras. A originalidade conecta ficção com práticas reais, sugerindo educação midiática e fortalecimento institucional como essenciais para preservar a deliberação democrática digital.

Palavras-chave: Espetacularização política; Avatares políticos; Mídias sociais; Democracia digital; Black Mirror

RESUMEN

Este artículo analiza a actores políticos brasileños denominados "Waldos Brasileños", un concepto inspirado en Black Mirror, que utilizan la ridiculización y la espectacularización, sustituyendo el debate programático por la actuación mediática. Se emplea un enfoque ensayístico que utiliza el episodio como marco teórico para examinar casos como los de Tiririca, Marçal, Bolsonaro y Janones, fundamentado

Artigo publicado por Cadernos de Comunicação sob uma licença CC BY-NC-SA 4.0.

en Debord, Schopenhauer y Pariser. Los resultados muestran que la transición de la televisión a lo digital transformó la representación política a través de tres estrategias: ad hominem, el humor como escudo y la polarización. Con un 51,6% de los brasileños informándose a través de las redes sociales y un 92,6% expuesto a noticias falsas en 2018, las figuras que dominan los lenguajes virales obtienen ventajas electorales. Aunque no existe un caso idéntico al del episodio, sus elementos se manifiestan a nivel nacional, con la política incorporando características espectaculares. El estudio alerta sobre la erosión democrática, la fragmentación por filtros burbuja y la presión psicológica sobre las personas polarizadoras. La originalidad del trabajo radica en conectar la ficción con prácticas reales, sugiriendo la educación mediática y el fortalecimiento institucional como elementos esenciales para preservar la deliberación democrática digital.

Palabras clave: Espectacularización política; Avatares políticos; Redes sociales; Democracia digital; Black Mirror

ABSTRACT

This article analyzes Brazilian political actors termed “Brazilian Waldos,” inspired by Black Mirror, who use ridicule and spectacularization replacing programmatic debate with media performance. It employs an essay-analytical approach using the episode as theoretical framework to examine cases like Tiririca, Marçal, Bolsonaro, and Janones, grounded in Debord, Schopenhauer, and Pariser. Results show TV-digital transition transformed political representation through three strategies: ad hominem, humor as shield, and polarization. With 51.6% of Brazilians getting information from social media and 92.6% exposed to fake news in 2018, individuals who master viral languages gain electoral advantages. Despite lacking an identical case to the episode, elements manifest nationally with politics incorporating spectacular characteristics. Study warns of democratic erosion, filter-bubble fragmentation, and psychological pressure on polarizing personas. Originality connects fiction with real practices, suggesting media education and institutional strengthening as essential for preserving digital democratic deliberation.

Keywords: Political spectacularization; Political avatars; Social media; Digital democracy; Black Mirror

1 INTRODUÇÃO

A política contemporânea experimenta transformações profundas nas estratégias de comunicação empregadas. A utilização de meios de massa, como a televisão, os jornais impressos e o rádio, predominante a partir do período da redemocratização, têm perdido espaço cada vez mais para tecnologias digitais. De acordo com o relatório publicado pelo laboratório de pesquisa Aláfia Lab, as mídias sociais em 2024 se consolidaram como o principal meio digital para as pessoas se informarem no Brasil. Dos entrevistados pela pesquisa, 51,6% disseram se informar por esses canais digitais (Aláfia Lab, 2025). Além disso, a percepção de que as

mídias sociais exercem forte influência sobre a opinião pública é amplamente compartilhada. Pesquisa nacional "Redes Sociais, Notícias Falsas e Privacidade na Internet", realizada em 2019, mostrou que 83% dos entrevistados acreditam que esses canais influenciam a opinião das pessoas, em levantamento conduzido pelo DataSenado em parceria com as ouvidorias da Câmara dos Deputados e do Senado Federal (Mais de 80% dos brasileiros..., 2019).

Nesse cenário brasileiro, a classe política vem se apropriando desses canais de comunicação para obter visibilidade e para projetar uma imagem positiva à sociedade com o intuito eleitoral. Como discutem Martino e Marques (2022, p. 165), "em uma era marcada pela presença de telas em todos os lugares, a imagem se torna a matéria-prima da política". Os autores evidenciam a importância do capital midiático, ainda que os aspirantes aos cargos públicos não sejam figuras oriundas da política: "[...] uma figura da cultura pop, dotada de um grande capital midiático, pode tentar converter sua popularidade em capital político lançando-se candidato a um cargo público. o que está em jogo aí é a taxa de conversão entre os tipos de capital" (id., p. 21). E adicionam que a visibilidade pública e a popularidade de que gozam acarreta a capacidade de mobilizar pessoas e isso é o capital midiático (id., p. 22).

Nessa perspectiva, esse ensaio propõe uma reflexão crítica sobre a emergência de atores políticos que operam como avatares midiáticos, construídos para engajar eleitores por meio de técnicas de ridicularização, simplificação discursiva e espetacularização da política, que aqui serão denominados "Waldos Brasileiros". O conceito inspira-se no episódio The Waldo Moment da série britânica Black Mirror1.

Em The Waldo Moment o espectador acompanha a trajetória de um personagem fictício que, de mera atração cômica, transforma-se em fenômeno político com repercussões globais. O personagem central da trama é um comediante que executa a voz e os movimentos de Waldo, um urso de desenho animado que entrevista políticos e outras figuras de autoridade. Waldo não é um algoritmo ou inteligência artificial,

[1] A série Black Mirror foi originalmente encomendada e exibida pelo Channel 4 no Reino Unido. O episódio The Waldo Moment integra a segunda temporada e foi exibido pela primeira vez em 25 de fevereiro de 2013. A plataforma de streaming Netflix adquiriu a série em 2015.

mas um avatar manipulado por uma pessoa real que sofre consequências psicológicas significativas por essa atuação.

O urso digital, caracterizado por um discurso antissistema, usa um humor satírico para ironizar e atacar adversários sem apresentar propostas concretas. Segundo Charaudeau (2006), toda produção discursiva no espaço político é uma encenação, que o autor chama de mise en scène, em que os sujeitos constroem sua imagem para convencer o outro. No caso da série, o avatar político participa dessa encenação como uma figura representacional, cuidadosamente construída para ocupar uma posição específica no jogo político, mesmo sendo, paradoxalmente, "anti-político". Neste papel discursivo, ele é colocado em cena como uma alternativa ao político tradicional, ou seja, um outsider, um "representante do povo" que fala com "autenticidade".

Figura 1 – Os personagens Waldo (urso) e Jamie (humano)



Fonte: Bachman (2021)

Cabe destacar que nesse trabalho o fenômeno denominado "Waldos Brasileiros" não se refere a candidatos de desenho fictícios operados por humanos, mas às figuras políticas que, por meio da combinação de humor, simplificação de aspectos políticos e ataques pessoais, constroem avatares políticos que substituem o debate programático

pela espetacularização. Entende-se que esse fenômeno se insere em uma transição mais ampla dos modelos de comunicação política, refletindo e acelerando uma crise de representatividade que desafia as instituições democráticas.

1.1 Metodologia

Este estudo adota abordagem qualitativa, de caráter exploratório e interpretativo, alinhada à tradição metodológica da pesquisa em Comunicação, que privilegia a construção teórica do objeto e a análise contextualizada de práticas sociomidiáticas (Lopes, 2005).

Compreendendo a comunicação como processo de circulação de sentidos e interações sociais, mobiliza-se análise empírica interpretativa de materiais midiáticos, discursos públicos e conteúdos digitais, conforme a perspectiva processual proposta por Braga (2012). No campo dos casos reais, foram selecionados intencionalmente e são tratados como estudos de casos múltiplos, nos termos de Yin (2015), permitindo examinar o fenômeno em seu contexto real e identificar padrões recorrentes de estratégias de espetacularização política.

Emprega-se análise documental e discursiva de materiais midiáticos, conteúdos de redes sociais, campanhas eleitorais e registros jornalísticos referentes a atores políticos brasileiros entre 2010 e 2025, examinados à luz de referenciais da comunicação política, da teoria do espetáculo e dos estudos sobre midiatização e plataformas digitais.

Trata-se, portanto, de uma pesquisa exploratória e interpretativa, voltada à compreensão crítica de estratégias comunicacionais e seus efeitos simbólicos na representação política, sem pretensão de mensuração estatística, priorizando a construção analítica de sentidos e padrões sociocomunicacionais.

2 A ESTRUTURA NARRATIVA DE THE WALDO MOMENT E SEUS PARALELOS POLÍTICOS

A análise do episódio The Waldo Moment revela uma estrutura narrativa dividida em quatro partes distintas, cada uma representando um estágio da evolução

do fenômeno político contemporâneo que o personagem Waldo simboliza.

Na primeira parte do episódio, os espectadores são apresentados aos principais personagens e as posições deles no cenário político. O protagonista é Jamie Salter, um comediante frustrado que dá vida ao urso animado Waldo em um programa de televisão satírico. Nesta fase, a produção e direção do programa vislumbram o potencial político de Waldo após uma interação viral com um candidato conservador. A polarização do cenário político é claramente estabelecida com a apresentação de Liam Monroe, candidato conservador tradicional, e Gwendolyn Harris, representante do Partido Trabalhista, refletindo um sistema bipartidário clássico.

Esta primeira seção do episódio alinha-se com o que Castells (1996, p. 333) identifica como o início do processo de "infoentretenimento", em que entretenimento e informação política começam a se fundir. A estrutura tradicional da política ainda está intacta, mas as sementes da disrupção já estão plantadas. Como observa Oliveira (2018, p. 5), a internet alterou profundamente a forma de fazer política, tanto para representantes quanto para representados, expandindo as formas de interação para além das mídias tradicionais.

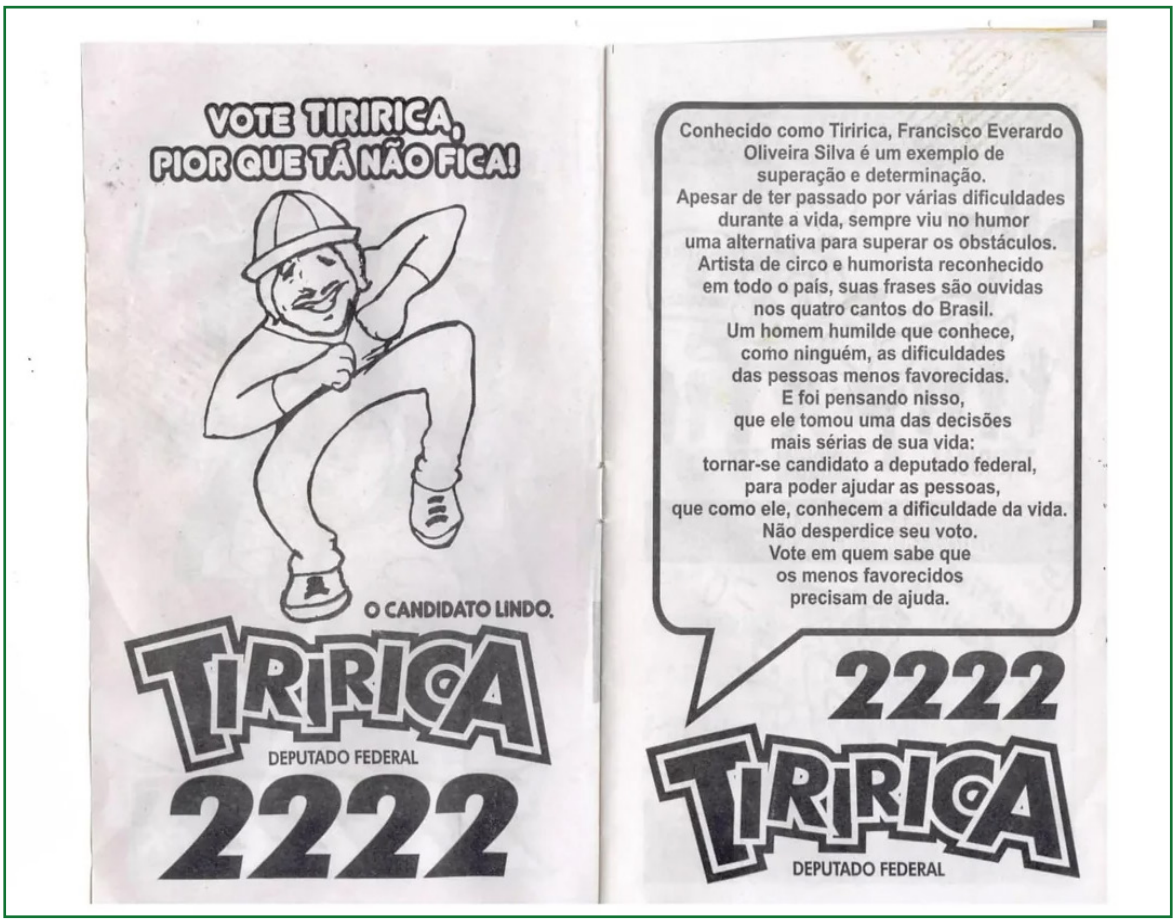
A segunda parte mostra o início da campanha eleitoral com Waldo entrando oficialmente na disputa. É um momento marcado por certo otimismo e diversão, onde Jamie ainda não compreende completamente as implicações dessa participação. Waldo ganha popularidade rapidamente ao atacar os políticos tradicionais com humor ácido e linguagem despudorada, posicionando-se como uma alternativa ao sistema. Este trecho ilustra o que Van Zoonen (2005, p. 69) caracteriza como a transformação do entretenimento em forma de política, onde o engajamento coletivo acontece por meio de ataques cômicos que extrapolam o debate político tradicional.

Esse segmento do episódio apresenta paralelos significativos com a emergência de figuras como Tiririca no cenário político brasileiro. Segundo informações do site do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), o humorista recebeu 1.353.766 votos em 2010, na disputa da primeira eleição em que concorreu. O número de votos conferiu a ele o

título de candidato a deputado federal mais votado de todo o país e o segundo mais votado da história republicana do Brasil (Castro, 2011).

À época, utilizou bordões como "O que é que faz um deputado federal? Na realidade, eu não sei. Mas vote em mim que eu te conto", e "Pior do que tá não fica, vote Tiririca", que sintetizavam crítica ao sistema político enquanto se apresentava como piada, como ilustra a Figura 2. Como apontam Queiroz e Manhanelli (2010, p. 102), "slogans e bordões são dispositivos mnemônicos que consolidam a identidade de candidatos, funcionando como poderosos instrumentos de comunicação política".

Figura 2 – Cartilha distribuída pelo candidato Tiririca na eleição de 2010



Fonte: Saraiva e Silva (2012)

Além disso, a eleição do político se deu em um momento de crise de representação, consolidando o que foi denominado voto de protesto, já que "[...] parte

considerável do eleitorado pareceu demonstrar que não se sentia representada pelos políticos profissionais" (Silva, 2015).

Adicionalmente, como destacaram Martino e Marques (2022, p. 251) esse cenário "(...) abre caminho para a presença de outsiders que, apresentando-se como externos ao campo político, tomam posição ao lado do 'cidadão comum' a respeito do espaço ao qual buscam pertencer".

Dando prosseguimento à análise do episódio, na terceira parte a realidade se impõe. Jamie começa a questionar seu papel e a legitimidade de Waldo como candidato. Durante um debate televisivo, Jamie/Waldo é confrontado por Gwendolyn, que o acusa de trivializar a democracia e desrespeitar pessoas com problemas reais. Jamie tem um momento de clareza e tenta abandonar o personagem, mas é forçado a continuar. Esta seção marca o início do desencanto de Jamie e sua percepção de que Waldo se tornou maior que seu criador.

Este segmento do episódio encarna o que Debord (1997, p. 13) descreveu como o momento em que "tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação". Jamie percebe que Waldo deixou de ser apenas um personagem para se tornar um símbolo político com vida própria. Conforme analisado por Matos (2020, p. 73), "a discrepância entre a pessoa real e a persona política construída estrategicamente gera não apenas tensões psicológicas para o indivíduo, mas também distorções significativas no processo democrático".

A parte final revela os verdadeiros interesses por trás de Waldo. Um agente americano propõe exportar o conceito de Waldo globalmente como ferramenta de influência política. Jamie se rebela e é substituído por outro operador. As eleições ocorrem com Monroe vitorioso, Waldo em segundo lugar e Harris em terceiro. A sequência final mostra um futuro distópico em que Waldo se tornou um símbolo autoritário global.

Esta seção final ilustra o que Meyer (2002) descreveu como a "colonização da política pela mídia", onde a lógica da política passa a seguir a lógica midiática. A

continuidade da figura de Waldo mesmo após a saída de seu criador original demonstra como esses avatares políticos ganham autonomia em relação a seus operadores iniciais. O epílogo distópico sugere os riscos de longo prazo da espetacularização política para os sistemas democráticos.

3 A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO E A POLÍTICA COMO REPRESENTAÇÃO

O episódio The Waldo Moment oferece uma perspectiva privilegiada para analisar como a política contemporânea incorpora as características do que Guy Debord chamou de "sociedade do espetáculo". Segundo Debord (1997, p. 14), o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens". Esta definição captura perfeitamente a essência do fenômeno Waldo, que não é meramente uma imagem digital, mas um dispositivo que reorganiza as relações políticas e sociais.

Quando Debord (1997, p. 13) afirma que "tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação", ele antecipa com precisão o processo que vemos no episódio: a substituição gradual da política substantiva por sua representação espetacular. Waldo não apenas representa a política; ele a redefine em termos de entretenimento e provocação. O próprio conceito de representação política é subvertido quando um personagem fictício, uma pura representação sem argumentos calcados na realidade e no debate político, torna-se candidato com chances reais de vitória.

A estrutura da narrativa do episódio demonstra o que Debord chamou de "separação consumada". Para ele, "a separação é o alfa e o ômega do espetáculo" (Debord, 1997, p. 21), referindo-se ao crescente abismo entre a realidade vivida e sua representação mediatizada. Em The Waldo Moment, observamos uma dupla separação: primeiro, entre Jamie (o comediante) e sua persona (o urso azul); segundo, entre o discurso político de Waldo (simplista e vazio) e as complexidades reais de administrar um serviço público.

Esta separação torna-se ainda mais evidente na terceira parte do episódio, quando Jamie tenta abandonar Waldo, mas descobre que não pode – o personagem tornou-se maior que seu criador. Esse momento ilustra perfeitamente a observação de Debord (1997, p. 140) de que "a representação não é mais controlada por aquele que representa, mas pelo representante do espetáculo". O avatar político adquire vida própria, submetendo seu operador humano a uma lógica espetacular.

No contexto brasileiro contemporâneo, podemos observar fenômeno semelhante quando políticos se transformam em personagens ou avatares de si mesmos, construindo personas públicas extremamente polarizadoras que eventualmente consomem seus criadores. A necessidade de manter continuamente uma imagem específica implica considerável pressão psicológica sobre o indivíduo, muitas vezes levando a uma identificação tão completa que a pessoa perde a capacidade de distinguir entre sua personalidade autêntica e a persona política construída.

4 ESTRATÉGIAS RETÓRICAS E A ARTE DE DESACREDITAR O ADVERSÁRIO

O episódio The Waldo Moment demonstra como as estratégias retóricas identificadas por Arthur Schopenhauer no livro A Arte de Ter Sempre Razão. A obra, escrita pelo autor alemão entre 1830 e 1831, tem seus conceitos amplificados na era digital. Schopenhauer (1995) identificou mais de trinta estratégias argumentativas que visam transferir a discussão do mérito dos argumentos para a esfera emocional ou pessoal do debatedor. No episódio, e nos "Waldos Brasileiros", observamos a combinação de três táticas principais:

a) Ad hominem e ridicularização

Na segunda parte do episódio, durante um debate televisionado, Waldo interrompe repetidamente o candidato conservador Liam Monroe com gestos obscenos e piadas pessoais, deslocando completamente o foco das propostas políticas para o escândalo cômico. Esse procedimento, denominado *Ad hominem*, é

eficaz porque, como explica Schopenhauer (1995), um ataque pessoal bem executado desvia o público do conteúdo do debate para a personalidade do adversário.

No Brasil contemporâneo, essa tática manifesta-se na proliferação de memes políticos em grupos de WhatsApp. Conforme documentado por Chagas (2020), em seis meses foram compartilhadas mais de 11 mil imagens com conteúdo político em grupos bolsonaristas, com forte predominância de conteúdos que ridicularizavam adversários. A linguagem despudorada, que seria impensável na mídia tradicional, encontra nas redes sociais um ambiente propício para sua disseminação.

Durante as eleições municipais de São Paulo em 2024, Pablo Marçal (PRTB) adotou uma diretriz de campanha marcada por ataques pessoais e provocações, visando gerar repercussão nas mídias sociais. As ações incluíram acusações infundadas contra adversários, comportamentos provocativos em debates e confrontos diretos com outros candidatos.

Figura 3 – Guilherme Boulos e Pablo Marçal durante debate em 2024



Fonte: Terra (2024)

Um exemplo foi o mostrado na Figura 3, quando Pablo Marçal mostrou uma carteira de trabalho a Guilherme Boulos, candidato do PSOL, durante um debate promovido pelo jornal O Estado de S. Paulo com os candidatos à Prefeitura de São Paulo no dia 14 de agosto de 2024. "Se eu sou o Padre Kelmon, eu vou exorcizar o demônio com a carteira de trabalho. Nunca trabalhou, um grande vagabundo nessa eleição. Aceito, sim, exorcizar. Você nunca vai ser prefeito de São Paulo enquanto tiver homem aqui nessa cidade", disse o então candidato com o objetivo que o fato repercutisse (Lopes; Carvalho, 2024).

b) Apelo ao humor e à distração

Waldo posiciona-se como "forasteiro" no sistema, satirizando promessas eleitorais e propondo soluções simplistas como uma votação online para todas as propostas discutidas em âmbito público. Neste aspecto, o humor serve simultaneamente como espada e escudo, pois permite ataques devastadores a adversários enquanto oferece a defesa do "era apenas uma piada" quando confrontado com as consequências de seus atos.

A eficácia deste procedimento reside na forma como o humor desarma a análise crítica. Conforme explica Brants (1998, p. 155), "conteúdos apresentados como entretenimento tendem a ser processados pelo público através de mecanismos psicológicos distintos daqueles ativados durante o processamento de conteúdos explicitamente políticos, reduzindo as defesas analíticas e aumentando a absorção emocional das mensagens".

Na política brasileira recente, o bordão "Pior que tá não fica" do Tiririca exemplifica essa tática, permitindo que uma mensagem fundamentalmente antissistema seja absorvida sem resistência crítica. Performances como as de figuras políticas que utilizam elementos cômicos garantem viralização e engajamento, mesmo quando propagam ideias extremas.

O ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) frequentemente utilizava ironias, piadas e frases de efeito para se comunicar com sua base. Seus discursos performáticos, lives

semanais e vídeos em tom de deboche ajudaram a manter constante engajamento, mesmo com pautas polarizadoras.

Um exemplo emblemático do ex-presidente usando elementos cômicos e performáticos para gerar engajamento, mesmo ao propagar ideias extremas, ocorreu em outubro de 2021, durante uma live semanal no Facebook, quando ele comentou sobre a vacina contra a covid-19 da empresa farmacêutica Pfizer. Com tom de deboche, ele frisou "Lá na bula da Pfizer tá escrito: não nos responsabilizamos por efeitos colaterais. E sabe o que é pior? Tem gente que toma a vacina e vira jacaré!" (Bolsonaro sobre vacina..., 2020).

Pela esquerda, o representante desses procedimentos é André Janones (Avante). O deputado federal faz transmissões ao vivo com forte apelo popular, às vezes com humor ou sarcasmo, para mobilizar apoio ou atacar adversários.

Ao analisar as estratégias de comunicação empregadas na campanha presidencial de 2022, Janones destaca que é bem-sucedido na utilização das plataformas de mídia social por entender as regras impostas por elas, além de utilizar táticas que ele define como Janonismo Cultural: a distração, a frente ganha-votos e a mobilização. Ao analisar o contexto atual de utilização das mídias sociais, Janones (2023, p. 101) critica a dinâmica que impera nestes ambientes digitais:

> [...] as redes sociais só valorizam a figura do herói, do influencer, do mito (e vão se aprofundar cada vez mais nisso). Enquanto a democracia privilegia as instituições, as redes estimulam o personalismo e beneficiam o indivíduo que se vende como salvador da pátria. É o lugar da selfie, do post em primeira pessoa, da exposição da vida em seus aspectos mais íntimos.

c) Demonização e polarização

A terceira estratégia retórica empregada por Waldo é a construção de um cenário apocalíptico onde "políticos nunca mudam nada de verdade", reforçando a crise de representatividade e alimentando a polarização. Ao sugerir que todos os

políticos tradicionais são essencialmente corruptos ou ineficazes, Waldo posiciona-se como única alternativa viável.

Esse tipo de conteúdo encontra paralelo direto no uso dos "filtros-bolha" descritos por Pariser (2012), que confinam usuários em ecossistemas informacionais homogêneos. No episódio, vemos como Waldo capitaliza esse fenômeno ao interagir em plataformas distintas com discursos adaptados: um tom satírico em grupos jovens e mensagens mais amenas em contextos formais.

A combinação dessas três estratégias, ataque pessoal, humor como escudo e polarização, cria um coquetel retórico poderoso que subverte o debate democrático tradicional. Como observa Oliveira (2018), este processo contribui para a "alienação democrática", onde o engajamento político é substituído pela indignação performática e pelo entretenimento.

Essa abordagem pode ser observada nas postagens que vêm sendo feitas pelo governador de Minas Gerais, Romeu Zema (Novo). O político tem se posicionado em alguns temas nacionais de forte repercussão e consequente polarização com vistas à eleição de 2026. Exemplo foi da postagem realizada em 23 de março de 2025 em relação à prisão de pessoa que participou dos atos antidemocráticos de 08 de janeiro de 2023, conforme mostram capturas de tela presentes na Figura 4. O título da postagem é "Você acha isso justo?" e analisa a atuação do Supremo Tribunal Federal, bandeira capitaneada pelos atores políticos de direita. Ao se referir à direita e sua maneira de lidar com a comunicação, especialmente no âmbito digital, Demuru (2024, p. 15) afirma: "Enquanto forma e experiência política prevalentemente digital, a *alt-right* diz também respeito a uma questão de estilo, pois sua identidade é associada ao uso da linguagem e das práticas discursivas das redes sociais, como o meme, a provocação, a trolagem, o ultraje, o escárnio, a derrisão". O que notamos, abaixo, é Zema tentando provar o absurdo que seria a condenação de alguém que violou o patrimônio público com um batom e justificando a anistia aos cidadãos que vandalizaram Brasília, em janeiro de 2023.

Figura 4 – Postagem do governador Romeu Zema sobre penas a condenados dos atos de vandalismo de 08 de janeiro de 2023



Fonte: Zema (2025)

Outra possível leitura, em um contexto de acirramento pela atenção, seria a tática do *rage bait*, que vem sendo usada por influenciadores para se destacar e ganhar visualizações, mas não fica exclusiva a esses agentes, estendendo-se aos políticos. Segundo o perfil do Instagram "Redes Cordiais" (2024) que se dedica à educação midiática em seus conteúdos, o *rage bait* é um conteúdo isca (*clickbait*) que provoca revolta, tristeza e faz com que os usuários comentem ou compartilhem com sua rede de contatos para mostrar o tamanho do absurdo.

Em linhas gerais, conquista engajamento por meio do ódio, o que, de acordo com a lógica algorítmica das redes sociais, haveria um privilégio para este tipo de linha de ação pelos impactos de exposição, visibilidade e comentários que traz. Demuru é taxativo ao se referir à lógica do lucro das plataformas com conteúdos sensíveis ou polêmicos: "Veja bem, as mídias sociais promovem o acirramento emocional do debate público, até porque ganham dinheiro com isso. Isso é comprovado" (p. 120).

5 A TRANSFORMAÇÃO DA COMUNICAÇÃO POLÍTICA: DA TV ÀS MÍDIAS SOCIAIS

A estrutura narrativa de The Waldo Moment reflete a transição dos modelos de comunicação política que observamos no Brasil com a retomada da democracia. O período entre a redemocratização e o final da primeira década do século XXI foi marcado pela centralidade da televisão na construção de imagens políticas. O Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE) consolidou-se como espaço privilegiado para a apresentação de candidatos, permitindo a construção de narrativas controladas e lineares.

Enéas Carneiro representa um caso emblemático dessa adaptação ao formato televisivo. Com tempo reduzido de exposição, ele maximizou sua presença por meio do bordão "Meu nome é Enéas", repetido várias vezes com sua voz característica. Esse método, aparentemente simples, continha elementos que antecipavam a lógica dos memes: repetição, distintividade e capacidade de fixação na memória coletiva. Como observa Queiroz e Manhanelli (2010, p. 87) "a repetição constante do nome, associada à imagem incomum do candidato, produzia um efeito de reconhecimento imediato que compensava o escasso tempo disponível".

A comunicação política nesse período dependia fundamentalmente de estruturas partidárias estabelecidas, grandes investimentos e acesso aos meios de comunicação tradicionais. Enquanto a televisão funcionava como arena de legitimação, onde emissoras como a Rede Globo exerciam influência determinante nas disputas eleitorais, como exemplificado pela edição do debate Collor-Lula em 1989 (Sotana, 2020).

Com a popularização das mídias sociais e smartphones, observamos uma metamorfose nas estratégias de comunicação política. As eleições de 2010 marcaram o início dessa transição, com a candidatura do humorista Tiririca para deputado federal, utilizando o bordão "Pior que tá não fica" como síntese de sua proposta. A ascensão de figuras como Cabo Daciolo, em 2018, de Padre Kelmon, em 2022, e Pablo Marçal,

em 2024, com suas performances teatralizadas e discursos fragmentados adaptados às mídias sociais, exemplifica essa tendência.

Essa evolução remete diretamente à estrutura narrativa do episódio The Waldo Moment. Na primeira parte do episódio, vemos um sistema político tradicional, em que Waldo é apenas uma atração cômica periférica. Na segunda parte, à medida que Waldo ganha proeminência como candidato, observamos a transição para uma nova lógica comunicacional baseada no humor, na provocação e no desprezo pelos códigos tradicionais da política, refletindo a emergência das redes sociais como plataformas dominantes de comunicação política. Sobre a relação entre a linguagem e as práticas discursivas das redes sociais e as do populismo contemporâneo, Sedda e Demuru (apud Demuru, 2024) definem essa intersecção com o termo "redessocialismo", reforçando como a comunicação populista do século XXI "(...) é uma exasperação, um "ismo", daquela das mídias sociais" (p. 62).

6 FILTROS-BOLHA E A FRAGMENTAÇÃO DA ESFERA PÚBLICA DIGITAL

A emergência dos Waldos Brasileiros coincide com a fragmentação da esfera pública, onde a ideia de um espaço compartilhado de deliberação cede lugar a múltiplos ambientes informativos parcialmente isolados. Pariser (2012, p. 10) conceitua esse fenômeno como "filtro-bolha", onde algoritmos e escolhas pessoais criam ambientes informativos cada vez mais homogêneos: "O filtro invisível da bolha está mudando de maneira fundamental o modo como vivenciamos informações e ideias. Em certo sentido, ele está nos isolando intelectualmente. [...] Fica mais fácil ter contato apenas com as coisas nas quais já acreditamos".

Esta fragmentação facilita a atuação dos avatares políticos, que podem adaptar suas mensagens para diferentes públicos sem preocupação com a coerência global de seu discurso. A mesma figura política pode apresentar-se como moderada para um segmento do eleitorado enquanto radicaliza seu discurso para bases mais ideológicas, tática facilitada pela personalização algorítmica dos conteúdos nas redes sociais.

Na terceira parte do episódio The Waldo Moment, vemos essa dinâmica em ação quando o personagem começa a adaptar seu discurso para diferentes públicos: irreverente e provocador em contextos populares, mais sério e moderado em ambientes formais. Esta capacidade de mudança reflete precisamente o desafio contemporâneo da comunicação política fragmentada, onde a coerência discursiva torna-se secundária em relação à eficácia comunicacional para cada segmento específico.

Um exemplo concreto dessa dinâmica foi documentado durante as eleições de 2018, quando pesquisadores identificaram o envio de mensagens radicalmente diferentes sobre o mesmo candidato para grupos distintos de WhatsApp, adaptando o discurso ao perfil ideológico de cada grupo (Souza, 2018, p. 6). Essa tática encontra ressonância direta no episódio, onde Waldo é progressivamente moldado não para representar um programa político coerente, mas para gerar reações emocionais específicas em diferentes grupos de eleitores.

Como observa Pariser (2012, p. 107), na era dos filtros-bolha, "o objetivo do marketing político moderno [...] é conquistar a fidelidade do consumidor [...] ou aumentar a probabilidade de que um republicano filiado ao partido compareça para votar e vote em candidatos". Esta lógica de microtargeting, em que cada grupo recebe mensagens personalizadas, foi evidenciada no escândalo relacionado à empresa Cambridge Analytica, que utilizou dados de milhões de usuários do Facebook para direcionar mensagens específicas a eleitores indecisos (Machado, 2021, p. 16).

7 A DEMOCRACIA DIGITAL EM QUESTÃO: POTENCIALIDADES E RISCOS

Uma das características centrais da democracia é a realização periódica de eleições, conforme nos lembram Martino e Marques (2002) e para serem conhecidos, candidatas e candidatos precisam, inicialmente, de visibilidade. Para que isso aconteça, o campo político precisa se adaptar, de acordo com os mesmos autores, "(...) ao modus operandi da mídia - sua linguagem, seus modos de expressão, seus códigos. Na expressão de Meyer, a "lógica da política" se adapta à "lógica da mídia" (p. 54).

O episódio The Waldo Moment ilustra de forma ambivalente as potencialidades e os riscos da democracia eletrônica. Na segunda parte do episódio, Waldo promete uma "votação online para tudo", sugerindo uma democracia direta viabilizada pela tecnologia. Esta proposta espelha promessas reais do potencial das TIC para revitalizar a participação cidadã, como observa Oliveira (2018, p. 6):

> Outro destaque que o urso Waldo do episódio propõe é que a intenção de colocar pautas para votação online, de certa forma já se concretiza, nos portais do Poder Legislativo brasileiro. O Senado Federal disponibiliza o canal chamado e-Cidadania, que tem como foco a construção colaborativa, isto é, permite ao cidadão tanto propor um debate, quanto apresentar uma ideia legislativa.

Entretanto, o desenvolvimento distópico da narrativa na quarta parte do episódio, quando Waldo se torna um símbolo de controle autoritário global, alerta para os riscos de uma democracia reduzida a engajamentos simplistas e reações emocionais. Esta ambivalência reflete o atual debate sobre o impacto das tecnologias digitais na democracia contemporânea.

Por um lado, as TIC oferecem ferramentas importantes para ampliar a participação cidadã. Oliveira (2018, p. 15) destaca que "o fortalecimento da participação cidadã online e o desenvolvimento de uma democracia eletrônica, concomitante com a existência da democracia representativa, se concretizará com a universalização do acesso à internet, incentivo à participação política e oferta de canais de comunicação com representantes e representados". Esta visão otimista vê nas tecnologias digitais um potencial democratizante, capaz de aproximar cidadãos e representantes. Byung-Chul Han, em Infocracia (2022, p. 48), tem um contraponto: "(...) A democracia em tempo real digital é uma democracia em presença. Faz do smartphone um parlamento móvel, promovendo debates dia e noite em qualquer parte".

Por outro lado, os riscos da desinformação e manipulação estão cada vez mais evidentes. A pesquisa de Souza (2018) revelou que 92,6% dos entrevistados foram expostos a conteúdos falsos durante a campanha presidencial de 2018,

predominantemente no WhatsApp e Facebook. A proliferação de fake news, aliada à lógica dos filtros-bolha2, cria um ambiente informacional fragmentado e polarizado, onde o debate racional cede lugar a reações emocionais e radicalizadas.

A terceira parte do episódio The Waldo Moment captura este dilema quando a candidata trabalhista, Gwendolyn Harris, confronta Waldo: "Você acha engraçado que as pessoas estejam tão desesperadas que votariam em você? Você está trivializando questões reais!". Este momento de confronto representa a tensão entre as possibilidades das novas tecnologias e seus riscos de trivialização e esvaziamento do debate democrático substantivo.

8 O CUSTO HUMANO DA REPRESENTAÇÃO: O OPERADOR POR TRÁS DO AVATAR

Um elemento crucial do episódio *The Waldo Moment*, frequentemente negligenciado nas análises, é o custo humano envolvido na operação de avatares políticos. Jamie, o comediante que dá vida a Waldo, enfrenta crescente angústia psicológica ao perceber que sua criação está fora de controle. Na terceira parte do episódio, após um momento de clareza durante o debate televisivo, ele tenta abandonar o personagem, apenas para ser substituído por outro operador.

Esta dinâmica reflete um fenômeno real na política contemporânea: a pressão psicológica sobre indivíduos que mantêm personas públicas altamente polarizadoras. A necessidade de sustentar continuamente uma imagem específica – seja de "defensor da família", "antissistema" ou "político do povo" – implica em considerável desgaste emocional. Em casos extremos, a identificação entre pessoa e personagem torna-se tão completa que o indivíduo perde a capacidade de distinguir entre sua personalidade autêntica e a persona política construída.

[2] Filtro-bolha é o conceito formulado por Eli Pariser (2012) para descrever a forma como plataformas digitais, por meio de algoritmos de personalização, selecionam e direcionam conteúdos de modo que o usuário passe a ver predominantemente aquilo que confirma seus interesses e preferências, reduzindo o contato com visões divergentes ou contraditórias.

Na quarta parte do episódio, vemos Jamie completamente destituído de sua criação, sem-teto e destruído, enquanto Waldo prospera sob novo controle. Esta sequência representa metaforicamente como os avatares políticos podem transcender e eventualmente consumir seus criadores originais, tornando-se entidades autônomas que servem a interesses distintos daqueles que os originaram.

Este aspecto do episódio dialoga diretamente com a tese central de Debord (1997, p. 14) sobre a sociedade do espetáculo, onde "o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens". O urso Waldo, inicialmente uma mera representação controlada por Jamie, evolui para se tornar um mediador social que reorganiza as relações políticas independentemente de seu operador original.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS: ENTRE A FICÇÃO E A REALIDADE BRASILEIRA

A análise do episódio *The Waldo Moment* à luz da realidade política brasileira revela que, embora ainda não tenhamos presenciado um caso que replique integralmente o cenário distópico da série – um personagem completamente fictício disputando eleições com chances reais de vitória – diversos elementos desse fenômeno já se manifestam no cenário político nacional.

A transição das táticas de comunicação política da era televisiva para o modelo digital transformou profundamente as dinâmicas de engajamento e representação. Figuras que dominam as linguagens das redes sociais, capazes de gerar conteúdos virais e mobilizar emoções intensas, conquistam vantagens significativas sobre candidatos que mantêm abordagens comunicacionais tradicionais. Conforme Han (2022), em um cenário de midiocracia, a política também se submete à lógica das mídias e o entretenimento determina a mediação de conteúdos políticos e deteriora a racionalidade. O autor ainda complementa: "[...] quem melhor se puser em cena é quem ganha a eleição. O discurso degrada-se em show e propaganda. Conteúdos

políticos têm um papel cada vez menor. A política perde, desse modo, sua substância, erodida em uma imagem telegráfica da política" (Han, 2022, p. 30)

O episódio nos alerta para os riscos dessa tendência: a substituição do debate programático pelo entretenimento político, a erosão da verdade factual em favor da "verdade emocional", e a crescente dificuldade em distinguir entre representação autêntica e performance calculada. Como afirma Debord (1997, p. 18): "não é possível fazer uma oposição abstrata entre o espetáculo e a atividade social efetiva. [...] a realidade surge no espetáculo, e o espetáculo é real". Esta observação captura com precisão a situação em que nos encontramos, onde a representação espetacular da política se torna inseparável da prática política efetiva.

O desfecho aberto do episódio, onde a quarta parte não tem um final definido e os créditos mostram um futuro distópico onde Waldo domina globalmente, serve como potente alerta sobre os riscos de longo prazo da política espetacularizada. Em um cenário onde 96% dos brasileiros com internet utilizam o WhatsApp e a desinformação circula amplamente em grupos fechados, a possibilidade de manipulação da opinião pública por meio de avatares políticos torna-se uma ameaça concreta à saúde democrática.

Ao mesmo tempo, tanto o desfecho do episódio quanto exemplos históricos sugerem que sociedades democráticas podem desenvolver anticorpos contra esses fenômenos. O fato de que, no episódio, o candidato conservador tradicional Liam Monroe vence a eleição apesar da popularidade de Waldo sugere uma resistência residual à política puramente espetacular. Da mesma forma, iniciativas de educação midiática e o fortalecimento de instituições representativas podem funcionar como contrapesos à tendência de simplificação extrema do debate político.

Para que o Brasil não se transforme no espelho distópico apresentado pela série, é fundamental que o sistema político, a mídia e a sociedade civil encontrem caminhos para renovar o debate democrático sem ceder à tentação da simplificação extrema. O desafio fundamental para as democracias contemporâneas – e para o

Brasil em particular – é encontrar caminhos para que as novas tecnologias fortaleçam, em vez de erodir, os fundamentos da deliberação democrática.

Como sugere Oliveira (2018, p. 15), "as TIC seriam controladas pelos cidadãos e utilizadas para o benefício da sociedade e não o contrário, assim o domínio exercido pelo Urso Waldo do seriado Black Mirror não teria probabilidade de se concretizar". Estes são, talvez, os maiores desafios e esperanças para a democracia brasileira na era digital: transformar as tecnologias que atualmente amplificam os Waldos políticos em instrumentos de fortalecimento da cidadania crítica e da deliberação democrática substantiva.

REFERÊNCIAS

ALÁFIA LAB. **Desigualdades Informativas**: Entendendo os caminhos informativos dos brasileiros na internet 2024. Salvador: Aláfia Lab, 2025, 44p.

BACHMAN, Mara. Black Mirror's Worst Episode Could've Been Improved With One Small Change. **Screenran**t, 25 jan. 2021. Disponível em: https://screenrant.com/black-mirror-worst-episode-waldo-moment-fixed-how/. Acesso em: 19 maio 2025.

BRAGA, J. L. Interação como contexto da comunicação. ***MATRIZes***, São Paulo, v. 6, n. 1-2, p. 25-42, 2012. Disponível em: https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v6i1-2p25-42.

BRANTS, Kees; NEIJENS, Peter. The infotainment of politics. **Political Communication**, v. 15, n. 2, p. 149-164, 1998.

AFP. Bolsonaro sobre vacina de Pfizer: 'Se você virar um jacaré, é problema de você'. 18 dez. 2020. **UOL**. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2020/12/18/bolsonaro-sobre-vacina-de-pfizer-se-voce-virar-um-jacare-e-problema-de-voce.htm. Acesso em: 05 maio 2025.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

CASTRO, Marcelo Bezerra. Qual é? Qual foi? Por que é que tu tá nessa? Recepções ao palhaço Tiririca na arena democrática. In: Congresso Latinoamericano de Opinião Pública, 4., 2011, Belo Horizonte. **Anais** [...]. Disponível em http://waporbh.ufmg.br/papers/Marcelo_Bezerra_Castro.pdf. Acesso em: 04 maio 2025.

CHAGAS, Viktor. Meu malvado favorito: os memes bolsonaristas de WhatsApp e os acontecimentos políticos no Brasil. **Revista Fronteiras - Estudos Midiáticos**, v. 22, n. 1, p. 15-29, 2020.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político:** os efeitos do sentido. Tradução de Célia V. Aguiar. São Paulo: Contexto, 2006.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEMURU, Paolo. **Políticas do encanto**: extrema direita e fantasias da conspiração. São Paulo: Editora Elefante, 2024.

HAN, Byung-Chul. **Infocracia**: digitalização e a crise da democracia. Rio de Janeiro: Vozes, 2022.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Pesquisa em comunicação. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MATOS, Carolina. **Jornalismo e Política na Era Digital**. Porto Alegre: Sulina, 2020.

MAIS de 80% dos brasileiros acreditam que redes sociais influenciam muito a opinião das pessoas. **Senado Federal**, Brasília, 10 dez. 2019. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/materias/pesquisas/mais-de-80-dos-brasileiros-acreditam-que-redes-sociais-influenciam-muito-a-opiniao-das-pessoas. Acesso em: 19 maio 2025.

JANONES, André. **Janonismo Cultural**: O uso das redes sociais e a batalha pela democracia no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.

MARTINO, Luís Mauro Sá; MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. **Política, cultura pop e entretenimento:** o provável encontro que está transformando a democracia contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2022.

MEYER, Thomas. **Media democracy:** how the media colonize politics. Cambridge: Polity Press, 2002.

OLIVEIRA, Gislaine Ferreira. **Direito, tecnologia e Black Mirror:** Uma análise da democracia eletrônica e da participação política online cidadã a partir do episódio "Momento Waldo". Revista de Direito, Arte e Literatura, v. 4, n. 2, p. 1-19, 2018.

PARISER, Eli. **O Filtro Invisíve**l: O que a internet está escondendo de você. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

QUEIROZ, Adolpho; MANHANELLI, Carlos. **Breve História dos Slogans Políticos nas Eleições do Brasil Republicano**. São Paulo: Edusp, 2010.

REDES Cordiais. Rage bait. 02/11/2024. **Instagram @redescordiais**. Disponível em: https://www.instagram.com/p/DB1_JAiy4Yh/?igsh=bTh4azg0eWU0MTk1. Acesso em: 18 de maio 2025.

REIS, Jorge Renato dos; FONTANA, Eliane. Cidadania Ativa no Estado Democrático de Direito: alguns aportes acerca da relação estado-sociedade no âmbito da democracia contemporânea. **Revista Brasileira de Estudos Constitucionais**, v. 4, n. 16, p. 37-54, 2010.

SARAIVA, Cintia Letícia Cruz; SILVA, Márcia Daniela Bandeira. Da transgressão e ethos forjado à câmara dos deputados: uma análise do discurso utilizado na campanha eleitoral de Tiririca 2010. **Revele: Revista Virtual dos Estudantes de Letras**, v. 4, 2012. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/revele/article/view/11284. Acesso em: 05 maio 2015.

SCHOPENHAUER, Arthur. A Arte de Ter Sempre Razão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SILVA, Álvaro Magalhães Pereira da. O humor de Tiririca na campanha eleitoral 2014: como e por quê? Aurora. **Revista de Arte, Mídia e Política**, v. 8, n. 23, p. 120-138, 2015. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/aurora/article/view/24746. Acesso em: 04 maio 2025.

SOTANA, Edvaldo Correa. **Da telinha às páginas impressas**: política, imprensa e a cobertura das eleições presidenciais. Curitiba: Appris, 2020.

SOUZA, João Paulo. Fake News e a influência na opinião pública: Um estudo de caso do comportamento do eleitor brasileiro nas redes sociais durante as eleições de 2018. São Paulo: USP, 2018.

VAN ZOONEN, Liesbet. **Entertaining the citizen**: when politics and popular culture converge. Lanham: Rowman & Littlefield, 2005. (Critical Media Studies).

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

ZEMA, Romeu. **Você acha isso justo?** Belo Horizonte. 23 mar. 2025. TikTok: @romeuzemaoficial. Disponível em: https://www.tiktok.com/@romeuzemaoficial/video/7485111790649527559. Acesso em: 19 maio 2025.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Adeilson Toledo Torres

Doutorando em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. Mestre em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Graduado em Comunicação Social – Produção Editorial e em Fotografia pela Universidade Anhembi Morumbi.
https://orcid.org/0009-0003-4135-4091 • adeilson.torres@usp.br
Contribuição: Conceituação, Investigação, Metodologia.

Carolina Frazon Terra

Pós-doutora, doutora e mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. Especialista em Gestão Estratégica da Comunicação Organizacional e Relações Públicas pela Universidade de São Paulo. Graduada em Comunicação Social – Relações Públicas pela Universidade Estadual Paulista.
https://orcid.org/0000-0003-4016-3747 • carolterra@usp.br
Contribuição: Supervisão, Validação, Escrita – Revisão e Edição.

José Agnaldo Montesso Júnior

Doutorando em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. Mestre em Administração Pública pela Universidade Federal de Alfenas. Pós-graduado em Gestão Estratégica de Negócios pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas e em Comunicação Empresarial pelo Centro Universitário de Belo Horizonte. Graduado em Jornalismo pela Universidade Federal de Viçosa.
https://orcid.org/0000-0001-8567-5792 • agnaldomontesso@gmail.com
Contribuição: Curadoria de dados, Análise Formal, Escrita, Metodologia.

Conflito de Interesses

Os autores declararam não haver conflito de interesses.

Direitos autorais

Os autores dos artigos publicados pela Cadernos de Conunicação mantêm os direitos autorais de seus trabalhos.

Verificação de Plágio

A cadernos mantém a prática de submeter todos os documentos aprovados para publicação à verificação de plágio, utilizando ferramentas específicas, como por exemplo: Turnitin.

Editora chefe

Cristina Marques Gomes

Como citar este artigo

TORRES, A. T.; TERRA, C. F.; MONTESSO JÚNIOR, J. A. WALDOS BRASILEIROS: espetacularização política e a construção de avatares na era digital. **Cadernos de Comunicação**, v. 30, e92339, 2026. DOI: 10.5902/2316882X92339. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/ccomunicacao/article/view/92339. Acesso em: XX/XX/XXXX